



***TECER E ENTRETECER A VIDA NO ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA: COMPROMISSO TEÓRICO-POLÍTICO-ACADÊMICO NO
ÂMBITO DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM SEXUALIDADES,
GÊNERO E EDUCAÇÃO – GEPSEX***

***TEJER Y ENTRETEJER LA VIDA EN LA ENSEÑANZA-INVESTIGACIÓN-
EXTENSIÓN UNIVERSITARIA: COMPROMISO TEÓRICO-POLÍTICO-
ACADÉMICO EN EL ÁMBITO DEL GRUPO DE ESTUDIOS E
INVESTIGACIONES EN SEXUALIDADES, GÉNERO Y EDUCACIÓN – GEPSEX***

***WEAVING AND INTERWEAVING LIFE IN UNIVERSITY TEACHING-
RESEARCH-EXTENSION: THEORETICAL-POLITICAL-ACADEMIC
COMMITMENT IN THE FRAMEWORK OF THE STUDY AND RESEARCH
GROUP ON SEXUALITIES, GENDER AND EDUCATION – GEPSEX***

Constantina Xavier Filha¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a trajetória de ensino-pesquisa-extensão do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero e Educação – Gepsex, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. O grupo foi criado em 2005 e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq. Diferentemente de outros grupos, este não se atrelava, em sua origem, à pós-graduação. Surgiu vinculado ao ensino e à extensão universitária. Teve seu início provocado por demanda de estudos e pesquisas com acadêmicas/os de Pedagogia e professoras/es de escolas públicas que participavam de projetos de extensão. Ao longo dos anos, foi incorporando pós-graduandas/os e ações no âmbito da pós-graduação. A trajetória descrita demonstra as resistências cotidianas e ressalta o compromisso teórico-político-acadêmico com as temáticas de Gênero, Sexualidade e Diferença no campo da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidades. Grupo de Pesquisa.

¹ Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Educação. Campo Grande, MS, Brasil.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo presentar la trayectoria de enseñanza-investigación-extensión del Grupo de Estudios e Investigaciones en Sexualidad, Género y Educación – Gepsex, en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. El grupo fue creado en 2005 y registrado en el Directorio de Grupos de Investigación de Brasil del CNPq. A diferencia de otros grupos, este no estaba adjunto, en su origen, a la pós-graduación. Surgió vinculado a la enseñanza y a la extensión universitaria. Tuvo su unicio provocado por la demanda de estudios e investigaciones con académicas/os de Pedagogia y profesoras/es de escuelas públicas que participaban de proyectos de extensión. A lo largo de los años, fue incorporando pós-graduandas/os y acciones en el ámbito de la pós-graduación. La trayectoria descrita demuestra las resistencias cotidianas y resalta el compromiso teórico-político-académico con las temáticas de Género, Sexualidad y Diferencia en el campo de la Educación.

PALABRAS-CLAVE: GEPSEX. Género. Sexualidades. Grupo de Investigación.

ABSTRACT

The present article aims to present the teaching-research-extension trajectory of the study and Research Group on Sexuality, Gender and Education – Gepsex, at the Faculty of Education of the Federal University of Mato Grosso do Sul – UFMS. The group was created in 2005 and registered in the CNPq Directory of Research Groups in Brazil. Unlike other groups, this one was not originally linked to postgraduate studies. It emerged linked to teaching and university extension. It began due to the demand for studies and research with Pedagogy academics and public school teachers who participated in extension projects. Over the years, it has been incorporating postgraduate students and actions within the scope of postgraduate studies. The trajectory described demonstrates the daily resistance and highlights the theoretical-political-academic commitment to the themes of Gender, Sexuality and Difference in the field of Education.

KEYWORDS: Gender. Sexualities. Research Group.

* * *

*Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando
atrás das beiradas da noite.
E logo sentava-se ao tear.
Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz,
que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a
claridade da manhã desenhava o horizonte.
Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora,
em longo tapete que nunca acabava.
Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a
moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais
felpudo.
Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio
de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a
chuva vinha cumprimentá-la à janela.*

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome, tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

A moça tecelã (Marina Colassanti)

Introdução: para iniciar o entrelaçamento dos fios...

Tecer, entretecer, entremear, urdir, engalfinhar, modificar, mudar, transformar... eis algumas das possibilidades, com os fios da vida, realizadas pela moça tecelã na poesia de Marina Colassanti (2007). De um simples e solitário fio, ela o transforma em vida numa rede de possibilidades e complexidades. Eis o desafio proposto à moça e por ela vivido.

O que é que esta metáfora nos inspira a pensar no processo da urdidura da vida nos momentos de ensino-pesquisa-extensão universitária, no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero e Educação – Gepsex, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS? Primeiramente, ela me parece pertinente nessa grande tessitura de vidas, de problematizações, de novas formas de pensar o impensado que caracterizaram os momentos extensionistas, de pesquisa e de ensino no referido grupo de estudos e pesquisas. Mais ainda em tempos difíceis de se discutir temáticas como as que priorizamos. Parece-me relevante para pensar as contradições vividas no processo de se constituir nessas tramas da vida, nos processos de objetivação e subjetivação propostos pela análise foucaultiana ou por uma nova forma de colocar o sujeito como objeto de conhecimento nas tramas do cuidado de si e do outro, engalfinhadas nas redes de possibilidades de saber-poder, também propostas pelo filósofo Michel Foucault (2004a, 2004b).

Nesse mar de possibilidades e de entremeios, muitas foram as experiências vividas na trajetória do grupo, em especial nos momentos de extensão universitária. Urge salientar que na maioria dos projetos de extensão realizamos conjuntamente projetos de pesquisa. Importante frisar que não pensamos a extensão simplesmente como atividades práticas com a sociedade externa à universidade, mas um importante e potente *locus* de se produzir e socializar, dialógica e coletivamente, as ações da pesquisa e as relações com as atividades pedagógicas no ensino.

A trajetória do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (Gepsex), está diretamente relacionada à minha prática como docente e pesquisadora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O grupo foi criado em 2005 e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq. Diferentemente de outros grupos, este não se atrelava, em sua origem, à pós-graduação. Surgiu vinculado ao ensino e à extensão universitária. Teve seu início provocado por demanda de estudos e pesquisas com acadêmicas/os de Pedagogia e professoras/es de escolas públicas que participavam de projetos de extensão. Ao longo dos anos, foi incorporando pós-graduandas/os e ações no âmbito da pós-graduação.

Por seu caráter ligado ao ensino e à extensão, desde os primeiros encontros, o propósito foi adequar os horários e a dinâmica dos encontros presenciais às demandas de seus membros. Em sua maioria, os encontros se realizavam à noite, no final da tarde e em finais de semana, justamente para acolher as pessoas estudantes e trabalhadoras. Sua dinâmica de estudos mudou ao longo dos anos. Houve tempos em que nos propusemos discutir as temáticas de gêneros e sexualidades a partir de curtas e longas-metragens; em outros, com discussão e estudo de textos que versavam sobre: metodologias de pesquisas pós-críticas; pesquisas com crianças; textos legais e oficiais sobre educação sexual; educação para a sexualidade; educação para a diversidade sexual; feminismos; direitos humanos, dentre outros.

O grupo, então formado, teve, e tem, por finalidade propiciar espaço para discussões e estudos em momentos sistematizados, de formação inicial e continuada de acadêmicas/os (e de ex-acadêmicas/os) da UFMS, especialmente do curso de Pedagogia, além de outros cursos dessa instituição (Ciências Sociais, Psicologia, dentre outros), das/os estudantes do programa de pós-graduação em Educação e docentes das redes públicas e particulares de ensino, constituindo-se também como espaço de pesquisa.

As atividades do grupo guiaram-se pelos eixos previstos para as ações da universidade: ensino-pesquisa-extensão. No ensino, o grupo constitui um espaço de formação para seus membros, seja de integrantes da comunidade acadêmica da instituição de ensino superior, seja de demais pessoas interessadas em estudar, sobretudo professoras e professores da rede pública de ensino de Campo Grande e de outras cidades do Mato Grosso do Sul. Leituras e estudos de textos, conceitos e pressupostos teóricos foram a tônica dos encontros sistemáticos do grupo. Muitas das pessoas que atualmente integram o grupo são orientandas/os, ex-orientandas/os, professoras e demais pessoas interessadas nas temáticas de gêneros, sexualidades, diferenças e direitos humanos no campo da educação. Além dos momentos específicos de estudos, o grupo integra-se por acadêmicas/os oriundas/os da disciplina obrigatória denominada “Educação, sexualidade e gênero”, com carga-horária de 68 h/a, no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMS.

O grupo também atuou nos projetos de extensão universitária e, sobretudo, nas ações de pesquisa. As investigações realizadas durante esses anos contaram com muitas pessoas, membros do grupo que foram bolsistas e/ou voluntárias/os das pesquisas, mais um elo que nos uniu durante todo esse tempo, fato que me leva a agradecer imensamente por todas as contribuições.

O grupo se constituiu, ao longo dos anos, como um espaço afetivo, coletivo, dialógico, plural, inclusivo, potente, agregador de qualquer pessoa que tivesse interesse em estar junta para estudar e pesquisar. Em alguns anos, as ações do grupo se constituíram no âmbito de projetos de extensão; nos últimos anos, como espaço de encontro, de estudos e de aprofundamento.

No decorrer desses anos de trajetória do grupo, ao final do ano, realizamos periodicamente um seminário para o curso de Pedagogia e para a comunidade acadêmica da instituição de ensino superior, com o propósito de socializar conhecimentos estudados pelo grupo, convidando pesquisadoras/es para o aprofundamento teórico.

A seguir passo a descrever e priorizar os projetos de extensão realizados no âmbito do grupo de estudos e pesquisas² para descrever as potencialidades e momentos de resistências cotidianas ao longo desses anos de trabalho coletivo.

² As pesquisas realizadas no âmbito do Gepsex podem ser descritas a partir de dois agrupamentos: a) o das pesquisas que tiveram por propósito analisar os livros como artefatos culturais; e

A extensão universitária e os (des)propósitos de tentar transformar os fios da vida

“A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e a sociedade”. Esta definição está disposta na Resolução n. 15-Coex, de 23 de março de 2021, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esportes (Proece).

Desde o primeiro ano em que iniciei como docente na universidade, desenvolvi e coordenei projetos de extensão. De lá para cá, praticamente todos os anos propus um ou mais projetos por ano. Com a criação do Gepsex, as ações intencionistas foram produzidas no âmbito do grupo. Inúmeras foram as resoluções que descreveram os objetivos e diretrizes da extensão universitária que regeram o período em que venho atuando como extensionista, ou seja, desde o ano de 1999. É importante, porém, destacar que a definição de ‘extensão’ continuou a mesma, com poucas mudanças. Também é importante frisar que, como já descrevi, a partir da resolução da extensão vigente, que “a extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e a sociedade”. Foi sob essa conceituação que desenvolvi/desenvolvemos as tramas do bordado nas ações extensionistas. Dentre eles, destacarei os seguintes pontos:

a) *Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão* – Dentre os projetos desenvolvidos ressaltamos que partem desse entrelaçamento entre esses três pilares da ação universitária. Em todos eles, tivemos a presença profícua, necessária e fundamental de estudantes de cursos de licenciatura, em especial do curso de Pedagogia, que foram sujeitos-aprendentes nesse processo de estar com/na a sociedade, de ver a teoria entrelaçada ao ato de pensar e repensar as práticas pedagógicas em ação nas tramas e

b) o das pesquisas-intervenção com crianças para a produção de ideias, pensamentos e artefatos culturais: livros e filmes de animação. Do primeiro grupo foram as seguintes: “*A sexualidade nos livros infantis: a mediação no processo de educação sexual*” (2001); “*Já é tempo de saber...: a construção discursiva da educação sexual em manuais e em livros infanto-juvenis – 1930 a 1985 do século XX*” (2006-2009) – apoio FUNDECT; “*Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças*” (2008-2012), com apoio do CNPq.

urdiduras da vida cotidiana. Também levamos os conteúdos da extensão para a sala de aula na graduação, com exemplos sobretudo da escola para pensar a teoria (não referimos que teoria e prática sejam antagônicas, mas que essa aproximação facilita o processo de entendimento de como a teoria se organiza na ação da escola). Outra ação ligada ao ensino e à extensão ocorreram com os eventos de extensão, os seminários realizados no final do ano em que fazíamos a socialização das ações extensionistas para a comunidade acadêmica e também trazíamos pesquisadoras e pesquisadores para aprofundar temáticas realizadas pelo nosso grupo de estudos e pesquisas. Estes momentos contavam, em sua organização, com a participação efetiva de estudantes de Pedagogia, desde a sua concepção até a organização e o desenvolvimento das ações dos seminários.

b) Ações extensionistas: relativas a *processos interdisciplinares, educativos, culturais, científicos e políticos*. No decorrer dos anos, tentamos fazer com que minhas/nossas³ ações na extensão fossem entrelaçadas entre vários saberes, buscando promover processos educativos, culturais, científicos e, sobretudo, políticos. Vejo a minha/nossa atuação como práticas teórico-políticas na medida em que nos comprometemos com temáticas e conceitos teóricos que nem sempre são aceitos, especialmente em tempos atuais de ofensivas antigênero. Mesmo antes disso, nunca foi fácil discutir sobre gêneros e sexualidades, especialmente na infância. Vemos agora que as questões políticas estão cada vez mais interferindo nas práticas pedagógicas e acadêmicas, tentando impedir que esses debates aconteçam. Por isso, as ações desenvolvidas no Gepsex e por mim coordenadas são expressões teórico-políticas-acadêmicas que ocorrem na resistência e nas microrresistências cotidianas.

c) *Promoção da interação transformadora entre a universidade e a sociedade*: o último aspecto da descrição da extensão contida na resolução da UFMS, e não menos importante de todas as que descrevi aqui. Os projetos de extensão que realizamos tiveram objetivos diversos, mas com o propósito de promover alguma transformação nas práticas pedagógicas, nas formas de pensar, promovendo espaço para o diálogo e para a possibilidade de desconstruir únicas formas de pensar e tentar pensar de muitas perspectivas. É evidente que não tenho/tivemos a pretensão de promover mudanças

³ Durante a escrita do presente texto adoto a primeira pessoa do singular e, na maioria das vezes, a da primeira pessoa do plural por se constituir de uma escrita-vivência coletiva com as demais pessoas que integram o Gepsex.

transformadoras e permanentes nos sujeitos que colaboram e participaram nas ações que promovemos, até mesmo porque muitas dessas ações são sazonais e pontuais. Nosso intuito foi de sensibilizar para a construção de novas práticas de pensar e agir, provocando o desconforto com ações homofóbicas, racistas, sexistas, misóginas, LGBTfóbicas e tantas outras que ferem os direitos humanos.

Ainda sobre a resolução que descreve as diretrizes da extensão na instituição, no citado terceiro artigo, há que reafirmar que tais diretrizes propõem ações extensionistas com a finalidade de *contribuir com a formação integral da/o estudante; de promover iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior nas áreas temáticas de direitos humanos e educação; finalmente, de promover a reflexão ética quanto à dimensão social do ensino e da pesquisa.*

Acredito que todas essas diretrizes que devem constituir as ações extensionistas da universidade foram tecidas em nossos projetos com o público docente e com as crianças das escolas públicas do estado de Mato Grosso do Sul, no âmbito do Gepsex.

Na longa trajetória em que desenvolvemos ações e projetos extensionistas foram desenvolvidas ações educativas com a comunidade escolar. Ao rever toda essa jornada, posso agrupar essas ações em três tipos ou categorias:

- 1) projetos de extensão com/na escola e na formação docente;
- 2) projetos de extensão na escola com crianças; e
- 3) ações de socialização das ações extensionistas em seminários e eventos.

A seguir, passo a descrever em que consistiu cada uma dessas ações, onde, quando e como cada uma delas foi desenvolvida.

Projetos de extensão com/na escola e na formação docente

Por mais que se queira banir sexualidade e gênero das instituições educativas, por mais que se queira retirar o termo “gênero” do Plano Nacional de Educação e de qualquer documento curricular, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, apesar da presença do discurso raivoso de alguns movimentos conservadores que tentam impedir sua discussão nas instituições educativas... uma e outro estão nas escolas e nos centros de educação infantil. Esta, a meu ver, foi uma das mais importantes discussões feitas nos momentos de formação, especialmente em nível inicial, nos cursos de graduação de formação continuada de professoras/es, nos projetos de extensão.

Louro (2000) ressalta que “o corpo parece ter ficado fora da escola” (p. 87). Historicamente, o meio escolar apresentou, e ainda apresenta, dificuldades em se lidar com os corpos dos sujeitos. Há uma tradição de se priorizar a mente em detrimento do corpo. A preocupação da escola é com a cabeça, com o intelecto. Nada que diga respeito ao corpo, a seus desejos, prazeres, desprazeres e afetos seria considerado campo de atenção da escola. Parece que se priorizam práticas de sujeitos ‘descorporizados’. Em tudo o que diz respeito a eles, parece haver uma certa desconfiança ou uma acirrada “educação” para os tornar o mais dóceis possível. Parece haver uma contradição na qual, ao mesmo tempo em que se apagaram os corpos dos sujeitos escolares, se incentiva o seu disciplinamento. No entanto, a estratégia educativa de “apagar” e aniquilar os corpos foi historicamente de os disciplinar ao máximo, para que se tornassem dóceis, submissos, educáveis e governáveis, como indicaram os estudos de Foucault (2009). Apesar desse tipo de educação dos corpos escolarizados, de tentativa de docilizar ao máximo os corpos, eles resistem e teimam em se fazer presentes no cotidiano escolar. São corpos desejantes; corpos sexuados; corpos generificados; corpos estranhos; corpos considerados abjetos; corpos que pulsam; corpos que desejam saber; corpos que se apaixonam; corpos curiosos; corpos que resistem...

O desafio imposto à escola e à formação docente nos projetos de extensão com o público docente foi de tentar implodir a lógica de que nas instituições educativas estamos somente lidando com o intelecto e com os corpos do “pescoço para cima”. A aluna e o aluno, a criança, são sujeitos amplos e complexos, e isso inclui seus corpos, suas sexualidades, seus gêneros, seus desejos, seus prazeres e desprazeres, suas dúvidas.

Essas formas de pensar a partir do cotidiano da escola foram priorizadas nos projetos de extensão que coordenei no decorrer da trajetória docente extensionista na UFMS e no Gepsex. Passo aqui a descrever alguns deles por sua maior expressão, seja pelo número considerável de cursistas, seja pelas parcerias e pelos apoios financeiros recebidos.

O primeiro grande projeto foi o da *Escola que Protege*, que teve três edições em anos diferentes, com os seguintes títulos:

- *Escola que Protege: a escola como espaço de identificação, prevenção e enfrentamento de violência sexual contra crianças e adolescentes – Campo Grande/MS (2006)* – com apoio financeiro da Secad/Ministério da Educação;

- *Escola que Protege: a escola como espaço de identificação e prevenção das múltiplas violências contra crianças e adolescentes – Campo Grande/MS – Ações de Continuidade (2007)* – sem apoio financeiro;
- *Escola que Protege: a escola como espaço de identificação e prevenção das múltiplas violências contra crianças e adolescentes – Campo Grande/MS – expansão (2008)* – com apoio financeiro da Secad/Ministério da Educação.

O primeiro projeto teve minha coordenação e a do Programa Escola de Conselhos/Preae/UFMS, que visou capacitar profissionais da educação básica de escolas municipais de Campo Grande/MS pertencentes ao *Projeto Escola Aberta*, técnicos/as da Secretaria Estadual de Educação, além de profissionais que atuavam em instituições de proteção aos direitos da criança e da/o adolescente neste município. O projeto originou-se do projeto nacional coordenado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), denominado “*Escola que Protege*”, cujo objetivo era o fortalecimento da política de inclusão da educação em temas relativos à violência contra crianças e adolescentes. O projeto nacional compreendeu a capacitação em duas modalidades: a distância, realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina, e, na modalidade presencial, pelas universidades de cada localidade dos estados selecionados: no caso de Mato Grosso do Sul, a UFMS, em duas localidades, Campo Grande e Corumbá, e a Universidade Estadual, em Dourados.

O projeto realizado em Campo Grande/MS, sob minha coordenação e participação dos membros do Gepsex, fundamentou-se em uma metodologia dialógica, com o intuito de discutir acerca de sentimentos, ações e condutas de profissionais da educação diante da problemática das violências contra crianças e adolescentes, bem como refletir sobre o papel da escola como espaço de identificação, prevenção e enfrentamento de violência contra esse público. Esta capacitação foi realizada, no primeiro momento, com um seminário inicial em que se abordaram as competências e atribuições das instituições de proteção e atenção à criança e a/ao adolescente localizadas em nossa cidade. Em seguida, o grupo foi dividido em dois para a participação em oficina pedagógica de 20 h/a com o objetivo de subsidiar informações e reflexões sobre a temática citada. Cada participante, durante o processo, elaborou uma proposta de ação para socialização dos conceitos abordados na capacitação em sua respectiva instituição de ensino. O projeto encerrou-se com um seminário em que as/os

cursistas, participantes da capacitação, expuseram as atividades desenvolvidas, com as respectivas trocas de experiências entre elas/eles.

O segundo projeto que não contou com financiamento da Secad/MEC teve por propósito dar continuidade às ações desenvolvidas no primeiro projeto. A ação de extensão teve por objetivos: promover capacitação presencial às/aos profissionais da educação e da rede de proteção aos direitos da criança e da/o adolescente que participaram da capacitação realizada em 2006 e a concluíram, com vistas a aprofundar as temáticas trabalhadas naquele projeto de extensão. Além disso, sensibilizar as/os participantes sobre os danos causados pelas múltiplas violências contra crianças e adolescentes e refletir sobre o papel da escola na rede de proteção a esse público. O projeto foi desenvolvido nas seguintes etapas: pesquisa; capacitação e socialização dos conceitos trabalhados.

O terceiro e último projeto ocorreu em 2008, também com apoio financeiro da Secad/MEC. Inseriu-se na proposta contida nas diretrizes do projeto ‘Escola que Protege’, do Ministério da Educação, tal como constava no termo de referência “*Instruções para apresentação e seleção de projetos no âmbito do ‘Projeto Escola que Protege’, com foco no enfrentamento da violência*” (2007).

O projeto pretendeu ampliar e expandir a metodologia criada e adotada nos dois projetos de extensão anteriores. Propunha-se capacitar outras/os profissionais da educação básica de escolas municipais de Campo Grande/MS pertencentes ao *Projeto Escola Aberta*, técnicas da Secretaria Estadual de Educação, além de profissionais que atuam em instituições de proteção aos direitos da criança e da/o adolescente na cidade. O objetivo geral da formação continuada dessa ação extensionista foi o de capacitar profissionais da educação para atuarem como agentes vinculados à Rede de Proteção Integral à criança e à/o adolescente, com os seguintes objetivos específicos:

- refletir sobre a função da escola como parte integrante da Rede de Proteção Integral e também como *locus* de produção de violências em suas práticas cotidianas;
- estabelecer mecanismos e estratégias de identificação de casos de violência contra crianças e adolescentes para encaminhamento a órgãos competentes em garantir os direitos de crianças e adolescentes;
- promover ações educativas na escola visando à reflexão da temática da violência e às estratégias da cultura da paz no ambiente escolar; e
- realizar atividades educativas que priorizem o protagonismo de alunas e alunos das instituições escolares envolvidas.

Esses três projetos foram muito importantes por vários motivos. Dentre eles: o estabelecimento potente da parceria com o Programa Escola de Conselhos;⁴ o estudo e o aprofundamento teórico-metodológico da temática da violência contra crianças e adolescentes, dentre elas a violência sexual e a localização e o engajamento da escola como parte integrante da rede de proteção a esse público; o desenvolvimento de ações e parcerias com outras universidades que desenvolviam o projeto; e, por fim, a parceria e o apoio financeiro com a Secad/MEC.

Em 2008, submetemos outro projeto a um edital da Secad/MEC, que foi selecionado e contou com apoio financeiro. O projeto, então intitulado “*Educação para a sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual: práticas e materiais educativos*”, foi desenvolvido no ano de 2009 e teve por objetivo capacitar profissionais da educação básica do município de Campo Grande/MS. Foi por mim coordenado no âmbito do Departamento de Educação/CCHS, e por integrantes do Gepsex e do Programa Escola de Conselhos (Preae). Teve como carga horária total 200 h/a, incluindo ações de capacitação presencial e semipresencial, contou com os momentos de capacitação docente e de produção de materiais educativos.

A capacitação ocorreu em momentos interdependentes:

- 1) eixos de estudos teórico-práticos (discussão e reflexão de temas que envolviam sexualidade, gênero e diversidade sexual);
- 2) oficinas pedagógicas de trabalho (espaço para produção de ações e reflexões concretas, tendo como fundamentação teórica os aprofundamentos realizados nos eixos teórico-práticos);
- 3) estudo dirigido (no início do projeto, cada cursista recebeu um CD-Rom contendo toda a estrutura e a organização da capacitação, com indicações e sugestões para aprofundamento, bem como de ações individualizadas a serem desenvolvidas pelos cursistas na modalidade semipresencial, com a sugestão de que, com esse material, pudessem fazer as leituras e estudos para registrar o processo em um ‘caderno de campo’;

⁴ O Programa Escola de Conselhos, aprovado em abril de 2005 na UFMS, é resultado do projeto de extensão *Centro de Estudos, Formação e Informação em Políticas Públicas Voltadas ao Atendimento e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (1997)*. No âmbito deste projeto, encontravam-se “Escola de Conselhos”, “Banco de Dados” e “Centro de Documentação”. Desde então, inúmeras atividades foram realizadas voltadas ao aperfeiçoamento e qualificação da participação da sociedade na definição e controle das políticas públicas de atendimento e defesa dos direitos humanos e da cidadania, em especial dos atores que compõem a rede de defesa dos direitos da criança e do adolescente. Retirado do site: <https://escoladeconselhos.ufms.br/pagina-inicial/historico/> Acesso em: 25 jul. 2021.

- 4) seminários (temas aprofundados em palestras e mesas-redondas ministradas por profissionais que pesquisavam a temática do projeto – também houve momentos para avaliações processuais e finais);
- 5) socialização (as/os cursistas socializaram os conhecimentos produzidos e mediados na capacitação para/com as alunas e alunos e demais pessoas da comunidade escolar);
- 6) culminância (momento final do projeto com trocas de experiências, avaliações finais e lançamento do *kit* de material educativo produzido no âmbito do projeto).

Outro projeto de extensão realizado foi o “*Gênero e Diversidade na Escola – GDE*”, agora com a parceria da Educação Aberta e a Distância da UFMS. A primeira edição ocorreu em 2009; a segunda; em 2013, ambas com apoio financeiro da Secad/MEC.

O projeto, em 2009 e em 2013, se propunha promover o curso ‘Gênero e Diversidade na Escola’ (GDE) no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, EAD/UFMS. O curso Gênero e Diversidade na Escola foi um projeto com o objetivo de promover formação continuada mediante curso de formação docente de profissionais de educação básica, na modalidade semipresencial, com carga horária de 200 h/a, em 5 módulos, nas temáticas de diversidade, gênero, sexualidades, diversidade sexual e relações étnico-raciais. O objetivo era proporcionar o desenvolvimento das habilidades necessárias as/aos profissionais da educação para a inserção dos temas do curso no cotidiano das práticas educativas de escolas públicas. O curso foi realizado em dois polos de EAD, sob coordenação da Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância/UFMS nas seguintes localidades: Camapuã, Miranda e Turma Especial, em Campo Grande/MS (nessa época, a cidade de Campo Grande não tinha polo de EAD, daí a sua excepcionalidade). Em 2013, o projeto foi realizado nos polos: Camapuã, Miranda e Turma Especial em Campo Grande/MS.

O projeto que se efetivou nessa formação docente extensionista teve origem no projeto-piloto nacional realizado em 2006, de iniciativa da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres e do *British Council*, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC), com a Secretaria de Ensino a Distância, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (Clam/IMS/UERJ). Dessa experiência resultou uma diretriz teórico-metodológica de um

curso de 200 h/a, na modalidade semipresencial, para formação docente de forma continuada, com material didático próprio, para vir a ser replicada em universidades brasileiras no ano de 2009, em especial nas que compunham, à época, a Rede de Educação para a Diversidade. Cada instituição que oferecesse o GDE podia fazer as adequações que considerasse convenientes à proposta teórico-metodológica à formação docente, desde que respeitasse uma estrutura básica, que compreendia carga horária, a modalidade da educação a distância, os módulos de conteúdo (diversidade, gênero, sexualidade e orientação sexual e relações étnico-raciais) e os materiais didáticos elaborados na diretriz do GDE.

Na proposta desenvolvida na UFMS, sob minha coordenação, seguimos os preceitos das diretrizes nacionais do curso com os módulos determinados. Entretanto, ampliamos as discussões e enfatizamos suas temáticas para discutir e estudar a prática docente com a infância. A escolha se deu por dois motivos. Primeiro, pela minha trajetória de pesquisadora e a que nosso grupo de estudos e pesquisa – o Gepsex – seguiu no decorrer dos seus anos de existência, com pesquisas sobre sexualidades, gêneros e diferenças nas infâncias. Segundo, por ser nosso público constituído de professoras/es que atuavam predominantemente na educação infantil e/ou nos primeiros anos do ensino fundamental, portanto, com o foco no trabalho pedagógico com crianças. Tivemos, então, o desafio de trabalhar com o material do curso (textos-base elaborados pelo Clam), que propunha uma discussão mais ampla e uma prática pedagógica com adolescentes, tentando também articular estas questões conceituais com a temática da infância. As estratégias consistiram em abordagens teórico-metodológicas específicas, na elaboração de novos textos e materiais educativos que versassem sobre os temas do curso com a discussão sobre sexualidades, gêneros e diversidades/diferenças nas infâncias, enfim, em temas todos eles relativos às infâncias e que tivessem relação com a discussão e a entrega de materiais que produzimos ao longo dos últimos anos sobre as infâncias, como livros, filmes de animação e livros teóricos, dentre outros. Aliadas às discussões propostas pelas diretrizes nacionais do GDE, as nossas propostas na UFMS se guiaram pela perspectiva dos ‘Estudos Culturais’, dos ‘Estudos Feministas’, dos ‘Estudos das Sexualidades’ e dos pressupostos dos estudos foucaultianos. Passo a descrever mais detalhadamente, a seguir, as trajetórias teórico-metodológicas que empreendemos nos dois projetos realizadas pela UFMS, sob minha coordenação, no Gepsex.

O projeto na UFMS se organizou a partir de dois eixos teórico-metodológicos que propiciaram as discussões e problematizações conceituais com as práticas pedagógicas e a possibilidade de pensar a partir de uma teia conceitual e reflexiva que articulava todos os saberes entre si, provocando novas e múltiplas formas de pensar a respeito dos temas em pauta. Isto foi possível graças ao emprego, em todos os módulos do curso, da estratégia metodológica dos *estudos de caso*. Nos primeiros encontros (a distância ou presenciais) das duas versões do curso, foi solicitado às/aos cursistas que pensassem em situações vividas, presenciadas ou sabidas que envolvessem as temáticas do curso no cotidiano escolar. Em seguida, foram convidadas/os a escrever pequenos textos que pudessem descrever de forma sintética essas situações. Posteriormente os casos foram enviados a pesquisadoras/es de diversas instituições brasileiras para escreverem artigos baseados nos casos, com discussões teórico-metodológicas.

Na versão de 2013, à metodologia dos estudos de casos aliamos a *descrição e análise de artefatos culturais* para uma discussão mais ampla dos campos teóricos sobre sexualidades, gêneros e diversidades/diferenças. Os casos continuaram centrais, mas incluímos inúmeros outros elementos culturais para pensar que a educação não ocorre somente nas instituições educativas. A contribuição do referencial teórico dos ‘Estudos Culturais’ nos forneceu elementos para a constatação de que há pedagogia em todo e qualquer lugar. Portanto, há educação/educações, e também educação sexual, ou educação para a(s) sexualidade(s) e de gêneros, em todo espaço social. Em nossas discussões, trouxemos letras de músicas para nossas análises, propagandas de brinquedos, diversas campanhas publicitárias para públicos adultos e infantis e filmes, em que as marcas de gêneros, de sexualidades e étnico-raciais estivessem claramente demarcadas. No entanto, o curioso foi perceber as atitudes iniciais de espanto de muitas/os cursistas, que em seus cotidianos não esboçavam nenhum estranhamento diante da avalanche de ensinamentos e conceitos sobre os temas do projeto na vida das crianças. O uso de filmes e vídeos também possibilitou realizar inúmeras discussões teóricas e pessoais acerca das questões que envolviam gênero, sexualidades, diversidades e diferenças em nossa cultura.

O último grande projeto de extensão desenvolvido com o propósito de propiciar a formação docente ocorreu nos anos de 2009 e 2010. O projeto “*Tecendo gênero e diversidades nos currículos da Educação Infantil – ações em Campo Grande – UFMS*” originou-se de um outro, de extensão nacional, denominado “*Tecendo gênero e*

diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil”, coordenado pela Universidade Federal de Lavras/MG (UFLA), com financiamento da Secad/MEC, e sob a coordenação geral da profa. dra. Cláudia Maria Ribeiro. O projeto de extensão em nível local, teve por objetivos gerais: 1) participação no projeto nacional com troca de experiências, estudos coletivos e atuação no grupo de estudos Anahí; 2) elaboração, aplicação e análise de pesquisa coletiva com docentes que atuam na educação infantil; 3) elaboração de material educativo para o público docente da educação infantil; 4) capacitação docente com as temáticas da educação para a sexualidade, relações de gênero e diversidades.

O desafio desse projeto foi atuar com um público específico de professoras e demais profissionais que atuavam na educação infantil. Na época, havia certa resistência em se tratar as temáticas de sexualidade e gênero com o público da infância da criança pequena (algo que recrudescer nos tempos atuais com as ofensivas antigênero nas escolas). No decorrer de cada momento de formação, as professoras iam entendendo que sexualidade e gênero constituem os sujeitos infantis; a partir daí, passaram a desenvolver ações educativas com o grupo das crianças em que atuavam e traziam essas discussões para os momentos presenciais para fins de os discutir teórico-metodologicamente. Um ponto alto, dentre tantos realizados nesse projeto, foi a metodologia da troca de *cartas das infâncias* entre as turmas das professoras que ali participavam como cursistas. Cada turma fazia uma atividade e enviava a outra turma, em forma de carta, o que havia feito e o que aprendera. Foi uma lindeza de ver os saberes das crianças circularem em inúmeras formas de escrita, de oralidade, de vídeos, de desenhos, de trocas de presentes e conhecimentos.

Outras particularidades a relatar foram a nossa interação e as redes de saberes e afetos constituídos com as demais universidades que compunham o projeto nacional. As redes tecidas nesse projeto nos unem até hoje, com muito afeto e comprometimento com a extensão universitária.

Todos os projetos aqui relatados foram definitivamente muito trabalhosos e desafiadores, mas de grande riqueza de aprendizados e de estabelecimento de redes entre universidades e com a Secadi/MEC.

A partir de 2010, o público privilegiado de extensão passou a ser o de crianças em escolas públicas, algo que passo a descrever no item a seguir. Antes disso, é importante dizer da importância da Secad (mais tarde, em 16 de maio de 2011, via

decreto n. 7.480, à sigla foi acrescentada a letra I, de ‘inclusão’, ficando Secadi) para fomentar as formações docentes nas ações extensionistas nas universidades brasileiras nas últimas décadas. Importante, também, destacar que, após tantos avanços, que nos propiciaram a concorrer a editais públicos e o consequente apoio financeiro, bem como resultaram em propostas e ações extensionistas de trazer as discussões de sexualidades e gêneros para a formação docente na modalidade continuada, muitas coisas aconteceram, nesta última década, que dificultaram sobremaneira a continuidade das ações de formações.

Um dos desafios impostos, e que também serve para pensarmos a década atual, são a garantia de continuidade e a oferta contínua de cursos e projetos para atingir novos públicos, além de também fortalecer os grupos existentes de professoras e professores que querem realizar essas discussões nas escolas. Há muitos entraves burocrático-financeiros para isso, além de faltar uma política de extensão que se preocupe em dar apoio e condições básicas ao funcionamento e continuidade dos projetos. Soma-se a isso a extinção, pelo Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), do Ministério da Educação. A secretaria vinha agonizando há anos antes de sua extinção; no entanto, acabar com essa secretaria se constituiu como um dos inúmeros ataques que as temáticas de gênero e sexualidade sofreram nos últimos anos. A Secadi, segundo o Decreto nº 7.690, de 2 de março de 2012, tinha por competência:

I - planejar, orientar e coordenar, em articulação com os sistemas de ensino, a implementação de políticas para [...] a educação em direitos humanos, a educação ambiental e a educação especial;

II - implementar ações de cooperação técnica e financeira entre a União, Estados, Municípios, Distrito Federal, e organismos nacionais e internacionais, voltadas à [...] educação em direitos humanos, [...];

III - coordenar ações transversais de educação continuada, alfabetização, diversidade, direitos humanos, educação inclusiva e educação ambiental, visando à efetivação de políticas públicas de que trata esta Secretaria, em todos os níveis, etapas e modalidades; e

IV - apoiar o desenvolvimento de ações de educação continuada, [...] direitos humanos, [...] visando à efetivação de políticas públicas intersetoriais.

Segundo as competências da extinta secretaria, estavam as de planejar, orientar e coordenar, em articulação com os sistemas de ensino, a implementação de políticas públicas acerca da educação em direitos humanos no que tangia aos direitos de crianças, mulheres e da população LGBTQIA+. Também estavam as de implementar ações de cooperação técnica e financeira para o desenvolvimento de educação continuada como

as que estabelecemos via universidade para a realização de inúmeras formações docentes na extensão universitária, como expus anteriormente. A exclusão dessa secretaria em 2019 somou-se a outras tantas violações de direitos e à derrocada de conquistas e de políticas públicas para a população, que priorizamos nas formações e demais minorias brasileiras, dos ataques constantes à liberdade de cátedra pelas ofensivas antigênero. Questões que nos colocam sempre, como diz a música cantada por Gal Costa: “*É preciso estar atento/a e forte...*” para não perdermos ainda mais os direitos duramente conquistados.

Projetos de extensão na escola com crianças

Meu desejo em desenvolver projetos com crianças ocorreu muito antes de 2010, ano em que, sob minha coordenação, começaram os projetos de extensão em escolas públicas municipais de Campo Grande com esse público, conjuntamente com projetos de pesquisa⁵. A criança, na vivência de suas infâncias, e os artefatos produzidos para elas e/ou consumido por elas, já eram temas de meus estudos desde que entrei na universidade como docente. O encontro com as crianças em momentos de extensão e pesquisa foi motivado por duas razões:

- 1) A primeira foi a de que eu sempre era desafiada pelas professoras dos cursos de formação continuada e nas aulas de Pedagogia. As professoras, especialmente, diziam que eu teorizava muito sobre a criança e sobre a prática pedagógica com elas, mas que de fato não estava lá no chão da escola com esse público.
- 2) A outra razão era de que queria muito estar com as crianças, aprender com elas, desenvolver e produzir coletivamente, reviver sentimentos e afetos que vivia quando era professora de crianças no início da minha carreira docente.

Esses dois motivos me instigaram, durante anos, a realizar projetos de extensão com elas. Compartilhei esse desejo com vários/as membros do Gepsex, que partilhou comigo desse intento até se efetivarem as experiências extensionistas e de pesquisa com

⁵ As pesquisas no âmbito do Gepsex do segundo grupo, referentes as investigações com crianças, foram: “*Escola que protege: a escola como espaço de identificação e prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes – Campo Grande/MS – ações de continuidade*” (2007); “*Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças*” (2008-2012); “*Sexualidade(s) e gênero em artefatos culturais para a infância: pesquisas com crianças no âmbito de disciplinas do curso de graduação em Pedagogia/UFMS*” (2008-2013); “*Violências contra crianças e adolescentes: representações de educadores/as e alunos/as de escolas municipais de Campo Grande/MS que participaram do projeto Escola que Protege*” (2007-2013); “*Representações de violência dentro e fora da escola nas vozes de crianças*” (2012-2013); “*Gênero, violência contra crianças e direitos humanos: brincar de pensar, de ser e de fazer cinema*” (2014 a 2017); “*Violência contra crianças e direitos humanos: brincar de pensar e fazer cinema*” (2017-2019).

as crianças. Depois desse encontro, nunca mais nos afastamos delas, especialmente quando passamos a produzir filmes de animação conjuntamente, outra enorme paixão na minha vida. Passo a detalhar os projetos de extensão que retratam essas tramas, entremeadas de amor e afeto com os saberes, com as crianças, com o cinema, com os livros para a infância, com o cinema de animação...

Descrevendo e analisando a experiência dos projetos com as crianças, sempre me reporte à sensação de se jogar em um mar de complexidades e de possibilidades nessas oportunidades de estar e aprender-ensinar com as crianças. É um processo bastante desafiador, porque, na maioria das vezes, nos projetos levamos um tema, ou a ideia de um livro para ser discutida e desenvolvida com as crianças e nada além dessa proposta inicial. O projeto ocorre no fazer, na negociação constante entre crianças e as pessoas adultas da equipe. Os projetos realizados desenvolveram ações extensionistas de produção de artefatos culturais, livros e filmes⁶ de animação *com* as crianças. Não se trata de um projeto do qual as crianças são as produtoras e a equipe de adultas/os não passe de coadjuvante; nem o contrário se processa. O que, de fato, ocorre é um processo através do qual tentamos uma coautoria coletiva, dialógica, solidária, partindo sempre do que as crianças sabem ou do que querem saber, do que desejam aprender e do que querem dizer. Um desafio complexo, saboroso, trabalhoso, desafiador e, sobretudo, transformador. Ninguém sai a mesma pessoa depois de passar por essa travessia e dessa experiência que se tornou avassaladora em minha/nossa vida pessoal e profissional (XAVIER FILHA, 2019a).

Em 2010, iniciamos o projeto de extensão com as crianças de duas turmas do 5º ano do ensino fundamental em uma escola pública municipal da periferia da cidade de Campo Grande. Neste, em particular, foi realizada uma coleta e análise de livros infantis e iniciamos a trajetória de pesquisa com crianças. O projeto contava com dois eixos teórico-metodológicos interdependentes, a saber: a) *pesquisa bibliográfica* e b) *pesquisa com crianças*. O primeiro eixo teve por fonte livros para a infância, com temas relativos a sexualidades, gêneros e diversidades/diferenças. O segundo eixo foi realizado em escola pública municipal, com a qual pretendia coletar falas e concepções de crianças

⁶ Na trajetória dos projetos, produzimos 12 filmes, que se encontram nas páginas das redes sociais do projeto (www.youtube.com/brincardefazercinema). Muitos deles foram selecionados e percorreram festivais, ganharam prêmios, dentro e fora do país.

sobre livros, com o objetivo de produzir coletivamente um livro para a infância e um filme de animação.

Como já havia narrado desde o início sobre os projetos de extensão, esse processo se constituiu em meio a uma intensa trama a se engalfinhar com a pesquisa que coordenei e que desenvolvemos no Gepsex. Isto não foi diferente em todas as ações extensionistas realizadas também com as crianças. Nos encontros nas escolas havia momentos específicos de pesquisa-intervenção e, em seguida, de ações dos projetos de extensão.

A metodologia do primeiro projeto na escola e com as crianças previa encontros semanais com cada uma das turmas dos quintos anos do Ensino Fundamental. Ao final, realizamos um seminário de síntese na universidade, no intuito de socializar as atividades desenvolvidas e exibir o filme produzido coletivamente com as duas turmas. Nesse ano, em cada encontro, discutíamos um tema, mediado por livros para a infância sobre questões selecionadas no primeiro eixo da pesquisa. As crianças tinham espaço para dialogar e discutir sobre cada um deles. Ao final de cada encontro, produziam-se textos e/ou desenhos para registrar as concepções sobre o assunto debatido. Outras dinâmicas foram utilizadas, como trabalhos em grupo, teatro, brincadeiras, jogos e exibição de filmes, com o propósito de tornar as discussões mais lúdicas e significativas para o grupo. Os livros para a infância foram importantes instrumentos pedagógicos por propiciarem o debate e a discussão sobre as representações de gênero e sexualidade das crianças. Em vários momentos, porém, elas expuseram sua dificuldade com a leitura e o entendimento do texto. Algumas folheavam os livros e diziam que havia muita ‘letra para ser lida’. Para muitas delas, a leitura mostrou ser algo dificultoso, e até penoso. Muitas diziam que somente queriam ver e ler as ilustrações, considerando a leitura da escrita e, conseqüentemente, a interpretação do texto, algo secundário. O contrário ocorria quando se exibia um filme, em especial curtas-metragens de animação. As crianças mostravam-se receptivas às imagens em movimento. Após a exibição, todas pareciam entender a mensagem da história; conseguiam, nos momentos de discussão, argumentar sobre aspectos contidos na narrativa fílmica. Crianças e adolescentes que participaram do projeto mostraram ser sujeitos ativos, vorazes da linguagem cinematográfica. Passamos então a exibir filmes produzidos e dirigidos por pessoas adultas, assim como os produzidos por crianças e adolescentes. O interesse das crianças e adolescentes pela linguagem audiovisual, juntamente com o meu desejo de produzir

com elas, construído há anos, fez com que produzíssemos um curta-metragem de animação chamado “*Jéssica e Júnior no mundo das cores*” (3 min), produzido em parceria com o Animare (MG). O roteiro do filme foi baseado em um livro infantil *A menina e o menino que brincavam de ser...* (XAVIER FILHA, 2009).

No ano seguinte, 2011, retornamos à escola com novas turmas de quintos anos para dar prosseguimento às atividades do projeto de pesquisa e extensão. No projeto anterior, além das atividades e do filme produzido, conforme já descrevi, também foi criada a personagem ‘Princesa Pantaneira’. Nesse ano, essa ideia foi retomada para se pensar no contexto em que ela vivia, suas características (físicas e emocionais), suas histórias e projetos de vida.⁷ Tentamos argumentar sobre a possibilidade de a princesa ser diferente das outras, construídas, em sua maioria, com características hegemônicas. Muitas crianças, em especial as meninas, relutavam em pensar em outros jeitos de ser princesa, ainda mais cogitando em uma delas morando e vivendo em realidades tão próximas. Em seguida, passamos a pesquisar coletivamente o contexto em que ela viveria – o Pantanal.

Na sequência, seguimos os passos da produção do filme de animação: construção do argumento; escrita do roteiro; elaboração das falas; construção de personagens e contextos/cenários na fase de pré-produção. Na etapa de produção, foram realizadas filmagens com a técnica de recorte em *stop motion* (fotografia quadro a quadro) e desenho 2D. As crianças participaram efetivamente das filmagens: movimentando as personagens e dando vida a elas; na gravação das suas vozes; na produção de sons para os efeitos sonoros; na música tema do filme e no planejamento final do filme na pós-produção. O filme, denominado “*A Princesa Pantaneira*” (9 min), conta a história de uma princesa chamada Camuela, alegre, valente, corajosa e com gosto por aventura.

No projeto de extensão, seguimos os pressupostos metodológicos anteriores; agora, porém, articulando as vozes e as representações das crianças sobre violência, gênero e diferença, apreendidas em encontros semanais em formato de oficina pedagógica e roda de conversa, a partir de vários instrumentos: desenhos, textos e produções individuais e coletivas; oralidade captada nos momentos de discussão

⁷ No decorrer do projeto, produzimos o livro infantil denominado “*As aventuras da Princesa Pantaneira*”. Campo Grande: Editora Life, 2012.

coletiva; fotografias tiradas por membros da equipe de pesquisa e também pelas próprias crianças; filmagens; registro de fragmentos do encontro anotados em caderno de registro.

No segundo semestre de 2012, continuamos a aliar as ações da pesquisa com o projeto de extensão “*Produção de Filme de Animação com crianças-2012*”⁸ (Preae-Paext/UFMS).

Muitas das estratégias pedagógicas realizadas nesse ano mantiveram as características dos projetos anteriores de produção de filmes com crianças; outras foram mudadas, aproveitando do conhecimento e da experiência acumulados nesses anos. As mudanças ocorreram sobretudo com a incorporação de novas temáticas, acrescentando as da violência contra crianças e sobre os direitos humanos.

O filme realizado nesse ano, intitulado “*Queityléia em perigos reais*” (9 min), conta a história de uma menina que, em sonho, faz tudo o que sempre quis dentro de casa, colocando-se em situações de perigo e de vulnerabilidade.

O último ano de projetos desenvolvidos nessa mesma escola municipal aconteceu em 2013. Naquele ano, continuamos o trabalho com novas turmas de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, contando com a participação de algumas outras crianças e adolescentes que já haviam participado de projetos anteriores.

Neste ano, dois filmes foram produzidos. O filme “*Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica*” (9 min), feito com a técnica de 2D, que conta a história de amizade de duas crianças terráqueas – Lila e Luiz –, residentes em Campo Grande, próximo à escola do projeto, com crianças ETs, Etvaldo e Etnilda, habitantes do Planeta Timbum.

O outro filme, também produzido em 2013 – “*João e Maria: dos contos à realidade*” – (9 min), realizado com a técnica de *stop motion*, é a versão contemporânea do conto de fadas do mesmo nome. João e Maria são irmãos e foram vendidas/os por seu pai e mãe a um ‘casal mau’, que morava em uma casa de doces. Lá deveriam realizar trabalhos forçados e a pedir dinheiro na rua. Descobriram que muitas outras crianças eram escravizadas pelo mesmo casal. Conseguem fugir e pedir ajuda à rede de proteção à criança por meio do disque 100 (Disque Direitos Humanos).

⁸ O projeto de extensão contou com algum apoio financeiro e com o pagamento de bolsa para três acadêmicas do curso de Pedagogia da instituição pelo Edital Paext/Preae/UFMS-2012. Nos outros anos, também submetemos os projetos a editais internos da UFMS, e tivemos algum apoio financeiro, sobretudo com o pagamento de algumas bolsas para acadêmicas/os do curso de Pedagogia.

Em 2016, retomei minhas atividades acadêmicas na universidade, após o período de estágio do pós-doutorado, para desenvolver o projeto de extensão “*Produção de filmes de animação com crianças-2016*”. O projeto ocorreu em outra escola pública municipal, diferente da instituição em que havíamos realizado os projetos anteriores. A turma escolhida esse ano continuou sendo a do 5º ano do Ensino Fundamental. O filme produzido foi “*Cantando os direitos das crianças*” (10 min). O roteiro foi construído a partir de dois *raps*, esboçados por uma das alunas do grupo e depois trabalhado coletivamente pela turma. O filme mostra a atuação de duas MCs de *rap* em uma competição de um *show* musical. A temática focada foi a da violência contra crianças e a defesa dos direitos humanos.

Em 2017, outro projeto de extensão foi desenvolvido em escola diferente daquela do ano de 2016. O projeto desse ano, “*Brincar de fazer cinema com crianças-2017*”, manteve características análogas às dos realizados anteriormente, com encontros sistemáticos e oficinas pedagógicas e lúdicas com todo o grupo de crianças da sala do 3º ano do Ensino Fundamental, para construir coletivamente o argumento com que se pudesse elaborar o roteiro do filme. Assim é que, em grupo, foram construídos roteiro, *storyboard*, diálogos, personagens, cenários, filmagens, como, igualmente, o planejamento da edição final do filme.

O filme produzido com essa turma teve por título “*Eu protejo o meu corpo*” (8 min.). Expõe, de forma narrativa, os cuidados e formas de proteção que as crianças devem ter para se proteger e também buscar ajuda em situações de vulnerabilidade. Baseou-se no livro *Do meu corpo eu cuido e protejo* (XAVIER, 2014), que tem por objetivo mediar a discussão sobre corpo e a possibilidade de a criança construir situações de autocuidado e autoproteção.

No ano de 2018, desenvolvemos o projeto em duas escolas públicas municipais de Campo Grande. Na primeira, demos continuidade ao projeto com a turma do ano anterior, agora no 4º ano do Ensino Fundamental. A ideia foi de produzir um filme que contasse a trajetória do grupo ao produzir um filme de animação. A temática foi sobre a linguagem cinematográfica, o histórico do cinema de animação, com ênfase nas obras cinematográficas de George Meliès e Lotte Reiniger, técnicas do cinema de animação e a própria experiência vivida por elas de produzir um filme. No final do projeto, foi produzido um filme bastante extenso, de mais de 20 minutos de duração, reeditado nos anos seguintes, e acabou se desdobrando em três filmes: “*Princesa Pantaneira*

YouTuber” (4 min, 2020); “*Princesa Pantaneira responde: cinema?*” (10 min, 2020) e “*Brincar de fazer cinema com crianças*” (10 min, 2020).

Em outra escola, tivemos como público crianças e adolescentes do 5º ano do Ensino Fundamental. Nesse projeto, desenvolvemos a temática da infância e seus direitos humanos. Nos dois projetos, trabalhamos a metodologia já construída nos projetos anteriores, propiciando a cada turma e a cada tema, evidentemente, o intuito de fazer a discussão e a produção do filme como algo lúdico, dialógico e coletivo. Nessa escola não foi diferente. Começamos com as discussões sobre como era viver a infância naquela escola e naquela região em que a escola se encontrava; posteriormente, passamos a pensar nos direitos e deveres de viver as infâncias. É sempre curioso que nem sempre as crianças conseguem elencar uma lista de seus direitos, mas, curiosamente, mais dos deveres que possuem. Passamos a provocar o pensamento com várias questões sobre a criança ter ou não direitos e quais seriam as instituições que poderiam velar por eles. Poucas crianças conheciam o Conselho Tutelar como instância em prol de seus direitos. Conheciam, sim, mas como instância a que se podia levá-las para exigir que estudassem, algo como punição e não como instituição que fizesse valer ou aplicar seus direitos.

Após intensas discussões sobre a temática, passamos a pensá-la com as poesias de Manoel de Barros, com as mais variadas metodologias. Pensar as infâncias na infância do poeta, em suas raízes crianceiras, no seu jeito sul-mato-grossense de viver e de priorizar as coisas simples no Pantanal, as pessoas comuns e nômades que priorizava nas poesias e a sua relação com a natureza. As crianças não conheciam o poeta e suas principais obras. Quando cogitamos em trazer algumas de suas poesias, a maioria da turma se negou dizendo se tratar de algo ‘chato’ e enfadonho. Foi um super desafio trazer as poesias visando despertar uma identidade regional que muitas/os rechaçavam. Tivemos muitas desistências de crianças e adolescentes ao longo de todo o processo da discussão e escrita do roteiro, algo que, até então, nunca tinha acontecido nas outras escolas. Seus desejos de não mais participar das atividades do projeto foram respeitados. O grupo que permaneceu passou para a etapa seguinte, a de construir coletivamente o roteiro e produzir o filme com a técnica de animação em *stop motion* de objetos/bonecos e de recortes de papel. O filme “*Mariquinha no mundo da imaginação*” (10 min.), produzido pelo grupo, conta a história da menina que brinca em seu quintal –

maior do que o mundo –, vive no mundo da imaginação com seu amigo Nardo e experimenta a vivência na natureza e o seu direito de brincar e imaginar.

Ações de socialização das ações extensionistas em seminários e eventos

Outra ação importante desenvolvida nas tramas das ações extensionistas foram alguns projetos de extensão na modalidade eventos, que, apesar de não serem muitos, somam-se aos demais na modalidade de cursos, tendo, ao seu final, seminários de socialização teórica-metodológica do Gepsex e sobre produções para o público privilegiado de cursistas, para a comunidade acadêmica da UFMS, para professoras e professores da rede municipal de ensino de Campo Grande e de outras localidades em que o projeto se realizou.

Os seminários foram realizados sob minha coordenação e planejados e organizados por integrantes do Gepsex, e demais acadêmicas e acadêmicos da Pedagogia e de mestrandas e mestrandos do programa de pós-graduação de Campo Grande e de Corumbá, em que vinha atuando como docente e orientadora. A relação entre ensino e pesquisa se fizeram presentes nesses momentos de extensão, pois reservávamos – refiro-me a docentes, acadêmicas/os mestrandas/os – espaço para a discussão teórica ao convidar pesquisadoras/es para proferirem palestras e rodas de conversa, com isso, socializarem conhecimentos de nossos interesses: sexualidades, gêneros, corpo, diversidade sexual, direitos humanos, cinema.

Considerações finais: para continuar o entrelaçar dos fios da vida...

Iniciei este artigo sobre as nossas experiências e ações extensionistas com a poesia da Moça Tecelã, de Marina Colassanti (2007). Ela mesmo, depois de criar realidades, pôde desfazer-se das que não lhes faziam bem, e começar tudo de novo, com novas cores, novas esperanças, novos desejos, novos fios de vida e de sonhos.

Hoje, olhando retrospectivamente sobre essa extensa trajetória na extensão universitária, percebo que teci/tecemos nossas vidas emaranhadas em fios que constituíram redes e pontes entre muitas pessoas que estiveram presentes nos inúmeros projetos de pesquisa e de extensão e também nos momentos de ensino na graduação e pós-graduação. Optar por realizar experiências na extensão na universidade é uma

escolha que nem sempre é carregada de louros e de prestígio no âmbito acadêmico. Este fato faz com que seja, ainda mais desafiadora a realização dessas ações, por terem sido escolhidas para serem executadas e experienciadas.

Os desafios, as constantes e diárias resistências têm sido intensas ao longo de toda a jornada. Na universidade ainda há incipiente a política de extensão que nos favoreça e instigue a desenvolver projetos com menos burocracia, mais colaboração institucional e apoio financeiro. O acúmulo de trabalho docente entre as ações de ensino e pesquisa com as de extensão e o constante sucateamento da instituição universitária nos últimos anos constituem campos de resistências diárias e de constante posicionamento político-acadêmico diante das demandas sociais e de provocações, conhecimentos e discussões levantados em decorrência dos projetos desenvolvidos.

Além de todas essas dificuldades institucionais, estamos vivendo um ataque às universidades públicas e às temáticas que propusemos aos projetos de extensão, as mesmas que levaram à extinção da Secadi/Mec, e com isso minassem as verbas que poderiam oferecer o mínimo de condições para trabalhar, sobretudo as destinadas à formação continuada docente.

Muitas linhas foram tecidas nas ações aqui descritas que legitimam o espaço do Gepsex como potente na construção de ensino-pesquisa e extensão. Neste emaranhado de muitas pessoas, vozes e saberes construímos novas redes e tecidos nas tramas da ética e da estética com as e os acadêmicas/os, professoras/professores e, sobretudo, com as crianças nas escolas públicas.

Referências

BRASIL. Secad/MEC. *Decreto nº 7.690*, de 2 de março de 2012.

BRASIL. Secad/MEC. Diretrizes do projeto ‘Escola que Protege’. *Instruções para apresentação e seleção de projetos no âmbito do ‘Projeto Escola que Protege’, com foco no enfrentamento da violência*, 2007.

COLASSANTI, Marina. *A moça tecelã*. Ilustrações de Demostenes Vargas e Bordados das irmãs Dumont. 1. reimp. São Paulo, SP: Global Editora e Distribuidora LTDA., 2007. (Coleção Marina Colassanti).

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos & Escritos (volume V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 264-287.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 36^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, Gênero e Sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.
UFMS. Resolução n. 15-Coex, de 23 de março de 2021, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esportes (Proece).

XAVIER, Tina. *As aventuras da Princesa Pantaneira*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2012.

XAVIER, Tina. *Do meu corpo eu cuido e protejo*. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em junho de 2022.